



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS- CCHE
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

FRANCIENE BASÍLIO CORREIA

**OS CONTOS DE FADAS E A PSICANÁLISE: UMA ANÁLISE DA
CONTRIBUIÇÃO DO CONTO “CHAPEUZINHO VERMELHO” NA FORMAÇÃO
DA PERSONALIDADE DA CRIANÇA**

MONTEIRO-PB

2014

FRAMCIENE BASÍLIO CORREIA

**OS CONTOS DE FADAS E A PSICANÁLISE: UMA ANÁLISE DA
CONTRIBUIÇÃO DO CONTO “CHAPEUZINHOVERMELHO” NA FORMAÇÃO
DA PERSONALIDADE DA CRIANÇA**

Monografia apresentada ao Centro de Licenciatura em Letras, do Centro de Ciências Humanas e Exatas, Campus VI, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Mestra: Joana Dar’k Costa

MONTEIRO-PB

2014

F824c Correia, Franciene Basílio.

Os Contos de Fadas e a Psicanálise:[manuscrito]:uma análise da contribuição do conto Chapeuzinho Vermelho na formação personalidade da criança / Franciene Basílio Correia. – 2014.
49 p.: il. Color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Português)- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2014.

“Orientação: Prof.Ma.Joana D'ark Costa,Departamento de Letras e Humanidades”

1. Infância. 2. Prazer. 3. Realidade. 4. Sexualidade I. Título.

21. ed. CDD 155.2

FRANCIENE BASÍLIO CORREIA

**OS CONTOS DE FADAS E A PSICANÁLISE: UMA ANÁLISE DA
CONTRIBUIÇÃO DO CONTO "CHAPEUZINHO VERMELHO" NA FORMAÇÃO DA
PERSONALIDADE DA CRIANÇA**

Trabalho monográfico apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras.

Aprovada em 03 de Dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Joana Dar'k Costa

Profª Ms. Joana Dar'k Costa

UEPB

Orientadora

Marcelle Ventura Carvalho

Profª Ms. Marcelle Ventura de Carvalho

UEPB

Edênia de Farias Souza

Profª. Edênia de Farias Souza

UEPB

A Deus, minha fonte de luz e inspiração; a minha estimada família: Maria Sebastiana Correia, José Basílio Sobrinho, Francimar Basílio, Francisco Neto (In memorian), Francinete da Silva, Francinaldo da Silva, Flávio José, M^a de Fátima Basílio, Fábio Basílio. Ao meu amado esposo José Alberto de Lima Farias. A minha querida orientadora Joana Dar'kCosta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e ao Divino Espírito Santo pelas bênçãos oferecidas e por me conceder a graça de ter chegado até aqui. Aos meus amados pais e aos meus irmãos, pelo apoio, em especial a meu falecido irmão Francisco Basílio, que tanto torceu e se orgulhou da minha vida acadêmica. Ao meu esposo, José Alberto, por ter me ajudado durante todo percurso acadêmico. À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Instituição na qual encontrei excelentes professores (as) que contribuíram de forma significativa para minha formação acadêmica, deixando marcas profundas na minha vida pessoal. Às minhas queridas amigas: Tamires Mirele, Luma Raissa, Wilka Caliane, Wilma Celiane, Ana Maria e ao estimado amigo Carlos Humberto, pelo privilégio de poder desfrutar de vossas preciosas amizades. À minha querida orientadora, professora Joana D'ark Costa, por ter acreditado em mim e incentivado esta pesquisa, pelas orientações, por seu desprendimento em ajudar-me e, sobretudo, pela amizade sincera.

Enfim, a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para o êxito deste trabalho. Meu muito obrigado!

“Oh! Que saudades que tenho. Da aurora da minha vida. Da minha infância querida. Que os anos não trazem mais! Que amor, que sonhos, que flores. Naquelas tardes fagueiras. À sombra das bananeiras. Debaixo dos laranjais. Como são belos os dias. Do despontar da existência! - Respira a alma inocência. Como perfumes a flor; O mar é – lago sereno, O céu – um manto azulado, O mundo – um sonho dourado, A vida – um hino d’amor! [...]”.

Cassimiro de Abreu

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar, com base na psicanálise, as contribuições do conto de fada *Chapeuzinho Vermelho* no desenvolvimento moral e sexual da criança e na capacidade de perceber os perigos advindos de uma desobediência às regras sociais. O conto tem como protagonista *Chapeuzinho Vermelho*, que vive a ambivalência de escolher entre os prazeres que a vida pode proporcionar e as consequências muitas vezes danosas ao indivíduo ao agir impulsivamente seguindo o princípio do prazer. Como aportes teóricos nos fundamentamos em alguns conceitos da Psicanálise de Freud (1996), Melanie Klein (1996), Nasio (1997) e em teóricos que se debruçaram sobre a relação Psicanálise e Literatura Infantil: Bruno Bettelheim (2010), Corso & Corso (2006) e Franz (1990). Em nossas análises, percebemos que, ao desobedecer às recomendações da mãe, Chapeuzinho Vermelho deixa-se seduzir pelo discurso sedutor do lobo. A menina passeia por um mundo desconhecido, atraente e prazeroso. Porém, ao tomar consciência de seus deveres, retoma seu caminho conforme lhe foi indicado pela mãe. Mas, já era tarde. Chapeuzinho é punida pelo seu ato de rebeldia, ao mesmo tempo em que se sente culpada por ter causado a morte da avó. Ela compreendeu o quanto é arriscado confiar em conversas de desconhecidos e seguir seus impulsos instintivos sem medir as consequências de suas atitudes. O conto ainda permite uma análise da sexualidade da protagonista, cujo momento de transição da infância para a puberdade é revestido de descobertas e desejos oriundos do inconsciente. Podemos inferir que o conto de chapeuzinho favorece o desenvolvimento moral e sexual da criança ao possibilitar a reflexão e a internalização dos limites que a realidade impõe e das consequências que ocorrem quando agimos com base apenas no desejo individual.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Prazer. Realidade. Sexualidade.

RESUMEN

El presente trabajo tiene el objetivo de analizar, basado en el psicoanálisis, las contribuciones del cuento de hada "*Caperucita Roja*" en el desarrollo moral y sexual del niño y en la capacidad de percibir los peligros ajenos de una desobediencia a las reglas sociales. El cuento tiene como protagonista "*Caperucita Roja*", que vive la ambivalencia de elegir entre los placeres que la vida puede ofrecer y las consecuencias muchas veces perjudiciales al individuo al actuar impulsivamente siguiendo el principio del placer. Como aportes teóricos, nos basamos en algunos conceptos de la Psicoanálisis de Freud (1996), Melanie Klein (1996), Nasio (1997) y en teóricos que se inclinaron sobre la relación Psicoanálisis y Literatura Infantil: Bruno Bettelheim (2010), Corso & Corso (2006) y Franz (1990). En nuestro análisis, percibimos que al desobedecer a las recomendaciones de la madre, "*Caperucita Roja*" se dejó seducir por el discurso seductor del lobo. La niña hace un recorrido por un mundo desconocido, atractivo y placentero. Pero, ya era demasiado tarde. *Caperucita* es punida por su acto de rebeldía, al mismo tiempo que se siente culpable por haber causado la muerte de su abuela. Ella se dio cuenta de lo mucho que es arriesgado confiar en conversaciones de extraños y seguir sus impulsos instintivos, sin medir las consecuencias de sus actitudes. El cuento aún permite un análisis de la sexualidad de la protagonista, cuyo momento de transición de su niñez para la pubertad es envuelto por descubrimientos y deseos ajenos del inconsciente. Podemos inferir que el cuento "*Caperucita Roja*" favorece el desarrollo moral y sexual de los niños al posibilitar la reflexión y la internalización de los límites que la realidad impone y de las consecuencias que ocurren cuando actuamos basados solamente en el deseo individual.

PALABRAS-CLAVE: Infancia. Placer. Realidad. Sexualidad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE NA INFÂNCIA	12
1.O Nascimento da Infância.....	13
1.2. Psicologia do Desenvolvimento Infantil.....	15
1.3 O Desenvolvimento da personalidade Infantil: a perspectiva psicanalítica de Freud.....	17
1.4 Teorias do aparelho mental: Id, Ego e Superego.....	18
1.5 O Desenvolvimento da personalidade infantil sob o olhar de Melanie Klein.....	21
1.6 Fases do Desenvolvimento Psicosexual.....	23
CAPÍTULO II –ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADA PARA O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE INFANTIL	28
2.A Teoria Psicanalítica e a Literatura Infantil.....	29
2.1 A História dos Contos de Fadas.....	31
2.2 Entre os prazeres e as limitações da realidade: o conto <i>Chapeuzinho Vermelho</i> sob o olhar da psicanálise.....	33
2.3 O Proibido em Chapeuzinho Vermelho.....	35
2.4 Chapeuzinho Vermelho: a descoberta da sexualidade e os perigos dos “lobos maus”.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
ANEXO-Conto Chapeuzinho Vermelho	47

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar, com base na psicanálise, as contribuições do conto de fada *Chapeuzinho Vermelho* no desenvolvimento moral e sexual da criança e na capacidade de perceber os perigos advindos de uma desobediência às regras sociais. A ideia de fazer uma pesquisa baseada em contos de fadas surgiu do nosso interesse por Literatura Infantil desde o início do Curso de Letras. Por atuarmos na área de educação infantil, fomos constatando na prática pedagógica a importância da literatura infantil para o desenvolvimento cognitivo, emocional-afetivo e social da criança.

O interesse por essa área foi se intensificando no decorrer das aulas de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Percebemos que poderíamos fazer uma pesquisa relacionando Psicologia e Literatura Infantil, abordando especificamente a importância do conto de fada no desenvolvimento da personalidade da criança. Dessa forma, escolhemos um conto de fadas que pudesse servir como base para este trabalho. Portanto, optamos pelo conto *Chapeuzinho Vermelho*, que diverte e educa as crianças da maneira mais prazerosa, mostrando como a criança pode lidar com os prazeres e a realidade que se apresentam na vida diária, tentando sugerir a escolha certa ou, pelo menos, a que lhe fará viver melhor com seus sentimentos.

Os contos de fadas vêm conquistando, cada vez mais, seu espaço no âmbito da crítica literária da contemporaneidade. Neste aspecto, destacaremos breves passagens do conto que será analisado, versão dos Irmãos Grimm, importantes autores de contos infantis. O conto apresenta-nos os riscos que sofremos ao transgredir as regras sociais e a importância de se ter uma vida organizada e planejada de acordo com as possibilidades do meio em que vivemos, como podemos observar na passagem do texto em que: a mãe de Chapeuzinho pede que a menina vá até a casa de sua avó e leve também um pedaço de bolo e uma garrafa com vinho. Chapeuzinho sempre fora uma excelente filha, dando exemplo e sendo boa com sua mãe e nunca a respondendo. Porém, antes de sair de casa, sua mãe lhe alertou sobre os perigos que ela correria indo sozinha, ainda mais por causa da floresta e pede

que sua filha prometa que não irá por lá. Chapeuzinho, como uma boa filha, prometeu e foi... Mas, um lobo malvado veio ao seu encontro e a menina se desvia do caminho. Depois ela pensa na fala de sua mãe e na promessa que fez. Mesmo contra a vontade de sua mãe decide ir pelo caminho da floresta, o que produz consequências desagradáveis...

Este conto permite-nos perceber o encontro fecundo entre Literatura e Psicanálise, onde a magia, o encantamento e a fantasia se entrelaçam com a realidade, levando-nos ao encontro com sentimentos adormecidos. Embora a obra tenha diversas versões nada dilui a magia e a sensação de bem estar que este causa aos ouvidos de quem o escuta. Sendo assim, a *personagem* vive a ambivalência de escolher entre os prazeres que a vida pode proporcionar e as consequências muitas vezes danosas ao indivíduo ao não perceber o perigo que recheia uma vida conduzida por atitudes impulsivas e baseada apenas no desejo individual.

Esta pesquisa está fundamentada na teoria psicanalítica de Freud e de outros renomados psicanalistas tais como, Bettelheim (2013), Klein (1996), Roth (2005), Bacha (2012), Winnicott (2008), Nasio (1997–1999), Franz (1990), Sousa (2010), Corso & Corso (2006) entre outros teóricos, que em seus estudos enfatizaram a relação Literatura Infantil e Psicanálise. Conforme ressalta Bettelheim (2013, p.15), “os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obra de arte integralmente compreensível pela criança como nenhuma outra forma de arte o é”.

Na perspectiva de alcançar os objetivos propostos, o estudo em tese se estende em dois capítulos, seguindo o seguinte plano: no primeiro capítulo temos uma apresentação dos aportes teóricos que fundamentaram a construção deste trabalho. Iniciamos com uma discussão sobre o desenvolvimento da personalidade infantil. Em seguida, apresentamos, em linhas gerais, alguns conceitos da teoria psicanalítica de Freud, destacando as elaborações freudianas sobre as instâncias que formam o aparelho mental (id, ego e superego) e as fases de desenvolvimento da sexualidade na criança.

No segundo Capítulo, abordamos a relação psicanálise e literatura infantil, seguida por uma breve apresentação do Conto de Fada: *Chapeuzinho Vermelho*. Logo após, tecemos uma análise, baseada na psicanálise, acerca dos

conflitos, comportamentos e desejos dos personagens. Com base nos conceitos de Id, Ego, e Superego, analisamos o conflito vivenciado pelos personagens. Conflito este que se instaura entre seguir ao princípio do prazer (oriundo do ID) ou obedecer ao princípio da moralidade e as regras sociais (SUPEREGO).

A criança, a partir do terceiro ano de vida, inicia o processo de internalização da moral, dos valores e das regras sociais que permitem a existência na sociedade. Esse processo é conflituoso, porque ela, ao agir impulsivamente, buscando realizar seus desejos instintivos, encontra barreiras oriundas de uma vida em sociedade. Começa a aprender o que é certo e o que é errado, o que é permitido e o que não é.

Percebemos que uma das possibilidades de internalização das regras sociais é mediada pelos contos de fadas e é este processo que nos propomos analisar no conto escolhido como objeto de análise.

CAPÍTULO I

O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE NA INFÂNCIA

1. O Nascimento da Infância

Segundo o historiador francês Philippe Ariés(1998), criança sempre existiu, mas infância não. Ele ressalta que antes da era moderna o mundo conhecia de modo impreciso a noção de infância, de forma que não se tinha vestuário apropriado pra criança e não existia literatura infantil (da forma como se tem hoje). As crianças não tinham um lugar próprio para viverem e serem educadas. Para Ariés (1962, apud PAPALIA & OLDS, 2000, p. 30),

“até o século XVII as crianças não eram vistas como qualitativamente diferentes dos adultos; elas eram simplesmente consideradas menores, mais fracas e menos inteligentes [...] Ariés baseou sua opinião em fontes históricas. [...] Documentos descrevem crianças trabalhando por longos períodos, separando-se de seus pais para aprendizados em tenra idade, e sofrendo a brutalidade nas mãos dos adultos”.

Neste sentido, por séculos, as crianças foram desvalorizadas na família e socialmente, sem ter seus direitos reconhecidos e respeitados. Isso acontecia em primeiro lugar no seio familiar, pois a relação entre pais e filhos não se parecia com que se costuma observar hoje em dia. Talvez, porque os casais costumavam ter vários filhos,dos quais poucos sobreviviam aos primeiros anos de vida.Além disso, os pais não se envolviam na vida infantil dos filhos e quando possuíam um poder aquisitivo maior deixavam que fossem criados por terceiros, além de considerá-los pouco influentes para sociedade, diferentemente do que se acredita hoje.Outro fato corriqueiro naquela época era o de que as crianças eram mandadas logo cedo para o trabalho produtivo sob o comando de adultos e alguns esse exigiam um maior esforço físico.

Para revelar essa realidade que se perpetuou por séculos a respeito da história social das crianças,o historiador francês Ariés (1998, p.19), em um de seus trabalhos sobre a história social do trabalho infantil, faz um breve resumo de como as crianças eram retratadas na pintura: “praticamente até o final do século XIII, as representações artísticas das crianças não eram senão imagens de adultos em escalas pequenas (roupas adultas, traços adultos, atitudes e atividades adultas); [...] é como se a imagem da infância não tivesse interesse ou não fosse real”.(Vejam algumas figuras de trajes infantis daquela época)



Traje do século XVIII Traje¹ das crianças da França e Alemanha no início do século XVI.

Porém, essa mentalidade foi mudando pouco a pouco e somente no final do século XIX é que houve mudanças consideráveis a favor da infância. Dentre elas, o trabalho infantil foi “proibido”, além disso, a educação obrigatória foi propagada, embora tenha continuado sem atender a necessidade de todas as crianças. Mas, a partir desse período, as crianças passaram a ter seus direitos defendidos por grupos organizados de homens e mulheres.

[...] “os direitos das crianças estão claramente regulamentados, e seus maus-tratos perseguidos e punidos; a mortalidade infantil foi reduzida de maneira drástica; a escolarização obrigatória foi sendo ampliada, e as crianças são consideradas um bem precioso, tendo se produzido toda uma mentalidade social em relação à infância, a seus direitos e necessidades” [...] (COOL, et al.2004p.20).

No entanto, essa nova forma de pensar e agir em relação à infância não se tornou realidade para todos os países, pois a educação, ainda, não é um bem de todos e o trabalho infantil, embora seja combatido, perpetua em muitos lugares do mundo.

A mudança na estrutura social trouxe consigo uma nova concepção de criança, como um ser diferente dos adultos, com capacidades e necessidades próprias a seu gradativo desenvolvimento. Um novo *status* foi dado à História da infância e de sua educação. Vinculados a isto, movimentos religiosos e culturais contribuíram de forma significativa para a descoberta da infância, sobretudo, as orientações teóricas que começaram a surgir através de filósofos e demais

¹<https://www.google.com.br/search-trajes-infantil-do-século-XVIII>> Acesso em: 20/06/2014

estudiosos que desenvolveram análises a respeito da vida social e do desenvolvimento psicológico da criança, deste modo:

“[...] existiram filósofos cujas concepções sobre a natureza humana e seus desenvolvimentos se transformaram em ponto de partida de tradições de pensamentos que encontraram reflexos, após séculos, em teorias evolutivas de grande impacto.” (COOL, et al., 2004p.20)

Nesse contexto, a Psicologia do Desenvolvimento destaca-se como uma área da Psicologia que busca contribuir com a produção de conhecimento acerca do desenvolvimento infantil. Estuda o desenvolvimento biopsicossocial focalizando os estágios de desenvolvimento da criança na dimensão físico-motora, afetivo-emocional, cognitiva-intelectual e mental. A partir das contribuições da Psicologia e de outras disciplinas das ciências humanas, fica evidenciado que as crianças possuem experiências e qualidades diferentes dos adultos. Veremos a seguir algumas contribuições da Psicologia do Desenvolvimento para os estudos acerca da formação da personalidade humana.

1.2 Psicologia do Desenvolvimento Infantil

Conforme foi ressaltado anteriormente, a Psicologia do Desenvolvimento é uma área da psicologia que estuda o desenvolvimento do ser humano em todas as suas dimensões: física-motora, intelectual, afetiva-emocional e social – desde o seu o nascimento até o fim da vida. Na visão dePapalia&Olds (2000):

“O desenvolvimento humano tem ocorrido desde que os seres humanos existem; mas seu estudo científico formal é relativamente novo. Mudanças dramáticas têm ocorrido tanto na forma como os adultos encaram as crianças, quanto na maneira como os psicólogos vêem o desenvolvimento adulto”. (p. 30)

A psicologia desde o seu surgimento tem buscado conhecer e analisar o ser humano em todas as dimensões da vida, acompanhando as fases que compõem o seu ciclo vital. A infância, porém, tem sido estudada com mais

atenção por ser uma fase de estruturação da personalidade adulta, como lembra-nos o próprio Freud: “A criança é o pai do homem [...]”. Conforme nos diz Bock (1989) com base nas elaborações de Jean Piaget, a criança não é um adulto em miniatura. Muito pelo contrário, apresenta singularidades na sua forma de perceber, sentir, compreender e agir diante do mundo.

Nesse sentido, os teóricos da psicologia do desenvolvimento têm produzido análises minuciosas a respeito do “desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial” em cada fase da vida, enfatizando as características específicas de cada uma delas. Essas fases, porém, estão entrelaçadas já que o desenvolvimento de determinada fase pode influenciar diretamente na evolução das outras. No que tange às características do desenvolvimento humano, Papalia&Olds (2000) afirmam que:

“As mudanças no corpo, no cérebro, na capacidade sensorial e nas habilidades motoras são todas partes de um *desenvolvimento físico* e podem influenciar outros aspectos do desenvolvimento. [...] As mudanças na capacidade mental – tais como aprendizagem, memória, raciocínio, pensamento e linguagem – constituem o *desenvolvimento cognitivo*.”(p.26).

As mudanças no desenvolvimento humano ocorrem de maneira sistemática, ao mesmo tempo em que são organizadas e coerentes, no sentido de que tem como intuito acompanhar as necessidades de transformação do corpo humano, que acontecem tanto na parte interna como na parte externa. Para Papalia&Olds (2000, p. 25), “Existem dois tipos de mudanças de desenvolvimento: quantitativa e qualitativa”. A mudança quantitativa refere-se às modificações que ocorrem no peso e na altura, ou seja, está relacionada à questão de quantidade. Enquanto, a qualitativa está ligada a assuntos voltados para organização de qualidades que a criança vai adquirindo ao longo da sua formação, a sua compreensão diante de fenômenos que lhe são apresentados, tais como a aprendizagem de uma nova língua. Portanto, procura compreender bem os indivíduos, além de investigar o que eles precisam para obter um desenvolvimento saudável especificando o impacto das influências internas e externas, no desenvolvimento de suas potencialidades e habilidades.

A psicologia do desenvolvimento é atravessada por diferentes abordagens teóricas que a partir de enfoques específicos buscam compreender e acompanhar as fases e os aspectos que compõem o desenvolvimento humano. Elas foram construídas a partir de pesquisas, observações e investigações com grupos de pessoas de diferentes faixas etárias ou de diferentes culturas. Muitos pesquisadores pautaram seus estudos em observações rigorosas de indivíduos desde o nascimento até adolescência. (BOCK et al 1989). Dentre essas correntes, estaremos dando ênfase à abordagem psicanalítica, mais especificamente na parte do desenvolvimento da personalidade na infância, tendo em vista que elegemos a Psicanálise como aporte teórico do nosso objeto de estudo.

1.3 O Desenvolvimento da personalidade Infantil: a perspectiva psicanalítica de Freud

Sigmund Freud, médico vienense, elaborou uma estrutura teórica acerca da vida psíquica causando impacto na Psicologia acadêmica e influenciando também a Literatura, a Arte, a Antropologia, a Sociologia, a Medicina (BOCK, 1989). Para Bock a teoria freudiana contribuiu de forma fundamental para as transformações na vida do século XX, marcando de modo significativo os estudos sobre a existência dos indivíduos. Ao introduzir o conceito do inconsciente, a Psicanálise limitou o poder soberano da razão e da consciência, além de eleger a sexualidade como força determinante da nossa existência, nosso pensamento e nossa conduta.

Sigmund Freud (1856-1939) formou-se em medicina pela Universidade de Viena, em 1881, especializando-se em psiquiatria. [...] “interessou-se por estudar manifestações de equilíbrio psicológico, e foi no contato com seus pacientes que elaborou sua teoria [...] a cura de pessoas que sofrem distúrbios psíquicos” [...] (CUNHA, 2002, p.13). Sousa (2010) relata em seus escritos que Freud foi um homem múltiplo, com muitos sonhos, nem sempre realizados, apaixonado pela arte da investigação, persistente pela busca da verdade, mas acima de tudo corajoso, por ter sido divisor de ideia do século XX.

Segundo Sousa (2010, p. 07), “A psicanálise sempre nos aponta uma fronteira tênue e perturbadora entre as pequenas zonas obscuras de nossa

ignorância”. Isto é, tudo aquilo que desejamos está mergulhado em nosso inconsciente, toda forma de desejo que, no entanto são reprimidos pelos valores tradicionais ou por um sistema de recompensas, que por medo de sofrer punições, busca a perfeição mais do que o prazer. Além disso, evidencia a sexualidade como energia determinante da existência humana.

Conforme ressalta Cunha (2002, p. 15) “somos seres possuidores de um universo de desejos e necessidades que não conhecemos. Tudo o que pensamos e queremos é apenas uma parte do que realmente somos”. E foi por revelar tais temas que Freud (1959) foi mal compreendido pela camada social de sua época. Mas, mesmo tendo sofrido represálias e críticas, ele jamais deixou de exclaimar suas verdades que foram reveladas em seus trabalhos.

De acordo com a análise feita por César Coll (2004), a obra monumental de Freud pode ser elucidada a partir de três postulados principais: para Freud os conflitos de seus pacientes tinham raízes inconscientes que escapavam à percepção do próprio sujeito. Na verdade, Freud era um defensor do determinismo psíquico. Para ele não há descontinuidade na vida mental, nada acontece por acaso e muito menos os processos mentais. Cada evento mental é causado pela intenção consciente e inconsciente e é determinado pelos fatos que o precederam.

O segundo postulado está ligado à ideia de que a maior parte dos problemas por Freud analisados se relacionava com conflitos sexuais, mais especificamente, com as dificuldades para satisfazer os desejos sexuais nas relações interpessoais.

Já o terceiro postulado refere-se à afirmação de que muitos dos problemas adultos tinham suas raízes na infância, em outras palavras, os transtornos adultos procedem das dificuldades encontradas pela criança pequena para satisfazer seus desejos de natureza sexual. Esses conflitos entre o desejo e as limitações que o meio social impõe, são aspectos analisados por Freud ao elaborar a segunda teoria do aparelho psíquico conforme será abordado no próximo item.

1.4 Teoria do aparelho mental: Id, Ego e Superego

Sem sombra de dúvidas, a teoria freudiana foi a mais importante e influente no campo do desenvolvimento da personalidade humana, além de ser considerada por muitos teóricos como a mais completa. Freud entre 1920 e 1923 desenvolve um estudo acerca do aparelho psíquico ou sistema da personalidade, introduzindo os conceitos de ID, EGO E SUPEREGO que passaremos a abordar com mais profundidade, tendo em vista que a análise do conto de fada que elegemos nesse estudo será realizada com base nestas instâncias.

Assim, inspirado pela filosofia platônica mais especificamente na divisão da psique em três partes (racional, irascível, concupiscente) Freud postula que o aparelho psíquico é constituído por três sistemas: id, ego e superego. Embora cada uma dessas partes da personalidade total tenha suas próprias funções, dinamismos e mecanismos, elas interagem estreitamente de forma que o comportamento humano é quase sempre o produto de uma interação entre esses três sistemas.

O id é formado pelo reservatório de energia psíquica e é onde estão localizadas as pulsões, a de vida e a de morte. O id é regido pelo princípio do prazer. Para NASIO (1999, p.76):

“o id é denominado pelo pronome ISSO, conceito inventado por Groddeck o qual descreve que [...] o homem é animado pelo Desconhecido, uma força maravilhosa que dirige o que ele faz e o que lhe advém. [...] No ISSO, encontramos [...] representações inconscientes de coisas gravadas no psiquismo sob o impacto do desejo dos outros de representações inatas, próprias da espécie humana, inscritas e transmitidas filogeneticamente”.

Portanto, o ID, uma das instâncias do aparelho psíquico, busca sempre o que produz prazer e evita o que é aversivo. Em outras palavras, o ID impulsiona o ser humano a buscar prazer na vida e fugir sempre de tudo que representa dor e sofrimento.

A segunda instância que compõe o aparelho psíquico é denominada de “ego” cuja função é estabelecer um equilíbrio entre o prazer e os princípios morais que regem uma sociedade, bem como controlar as funções cognitivas e intelectuais do ser humano. Ou seja, o ego significa o eu de cada ser humano, é o defensor da personalidade, tendo como principal função buscar harmonizar os

desejos instintivos do ID e as limitações e possibilidades que a realidade apresenta, levando em consideração os valores e a moral imposta socialmente. Deste modo, Laplanche e Pontalis (2001, p. 51) define o ego como:

“[...] um sistema que estabelece o equilíbrio entre as exigências do id, as exigências da realidade e as “ordens” do superego. Procura “dar conta” dos interesses da pessoa. É regido pelo princípio da realidade, que, com o princípio do prazer, rege o funcionamento psíquico. É um regulador, na medida em que altera o princípio do prazer para buscar a satisfação, considerando as condições objetivas da realidade”.

A terceira instância é chamada de “superego” e representa os valores, o princípio da moralidade de uma determinada sociedade, ou seja, é a força moral da personalidade.

Em relação ao superego Freud (1856-1939. apud. ROTH, 2005, p. 20) diz que: “é o estabelecimento dessa instância crítica interna no desenvolvimento de cada indivíduo que torna possível a civilização”. Ou seja, é pelo estabelecimento do Superego que se é possível viver e conviver civilizadamente em sociedade, isso porque o superego age como uma polícia interna, despertando no indivíduo sentimentos de culpa, remorso, vergonha e desejo de autopunição, do mesmo modo que tentam reprimir os impulsos sexuais instintivos, tais como, o desejo de alcançar a satisfação sexual, a agressividade sem limites. Isso tudo, porque o ser humano sente medo de sair da zona de conforto ou de pôr em risco a sociedade na qual vive. No entanto, Freud afirma (apud. ROTH, 2005, p. 21): “Um superego forte é [...] o mais importante problema no desenvolvimento da civilização [...] o preço que pagamos por nosso avanço na civilização é a perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa”.

Ao abordar acerca das três instâncias que compõem o aparelho mental, Cunha (2002), assim define:

“O id é a instância que contém os impulsos inatos, as inclinações mais elementares do indivíduo. O id é composto por energias – que Freud chamava de pulsões - determinadas biologicamente e determinantes de desejos e necessidades que não reconhecem qualquer norma socialmente estabelecida. O ego, que significa literalmente eu, é o setor da personalidade especializado em manter contato com o ambiente que cerca o indivíduo. [...] executa ações destinadas a equilibrar o convívio da pessoa com os que a cercam. O superego, [...]

é depositário das normas e princípios morais do grupo social a que o indivíduo se vincula.” (p.13-14)

Freud imaginava a constante luta no interior da personalidade entre interesses conflitantes – sobretudo a batalha entre o anseio do prazer e a exigência moral. Para o psicanalista, desmascarar no plano do consciente esses conflitos interiores é o único caminho para a reparação de distúrbios psíquicos.

Para Freud o princípio do prazer deve ceder ao princípio da realidade em benefício da constituição da ordem social. Assim, quanto mais repressão à libido, maior o progresso social e cultural. Trata-se da concepção de Freud em que a energia sexual reprimida converte-se em sentimentos úteis à convivência social.

1.5 O desenvolvimento da personalidade infantil sob o olhar de Melanie Klein

Melanie Klein (1992), seguidora dos estudos freudianos desenvolveu uma análise própria, isto é, ao atender crianças buscou compreender melhor sobre o funcionamento emocional infantil, e conseqüentemente a isto a concepção do desenvolvimento da personalidade adulta, uma vez que esta possui várias características da fase infantil que podem persistir por toda vida, tais como, a dependência, a desconfiança pelo próximo, medos, angustias, entre outras características. Em seu Artigo “Nosso mundo adulto e suas raízes na infância” Klein (apud. BARROS et al. 1992, p. 07) “acentuou que o entendimento profundo da personalidade da criança é a base para a compreensão da vida social”.

Para Melanie Klein a criança deve receber esclarecimentos de todas as ordens, porém asexual merece uma maior atenção, por ser um terreno que cresce cada vez mais. É partindo desse ponto de vista que essa opinião vem ganhando a simpatia de muitos. Contudo, a psicanalista aponta as necessidades de oferecer às crianças uma educação de ordem sexual desde mais tenra idade, a fim de que o conhecimento ocorra da forma mais natural possível e que seja compatível com desenvolvimento da criança, pois a falta de esclarecimento, de ordem sexual, pode causar vários danos ao desenvolvimento infantil, inclusive

causando uma repressão excessiva da mente, além de causar doenças futuras, tais como a inibição e elementos morbíficos. Deste modo, Klein mostra a maneira de como poupar as crianças de uma repressão desnecessária, libertando-a da esfera sexual e das falsas informações tecidas por uma sociedade hipócrita.

A mesma autora acreditava que existem mecanismos fundamentais nas brincadeiras e nos jogos que podem vir a influenciar na formação da personalidade infantil, bem como as criações fantásticas das crianças durante as brincadeiras, onde as mesmas utilizam personagens que, possivelmente, já estavam desde sempre em seu inconsciente e que são reveladas de forma distorcida nas diversões do cotidiano. Sobre a importância dos brinquedos e jogos, Klein acreditava que: “o livre brincar das crianças com jogos e brinquedos, assim como qualquer comunicação verbal de que elas fossem capazes, poderiam servir a um propósito equivalente ao da livre associação no adulto”. (apud. BARROS et al. 1992, p.10)

Deste modo, a criança mostra através das brincadeiras sua verdadeira personalidade e, conseqüentemente, seu desenvolvimento humano. Nesse trabalho estaremos, também, apresentando como o conto de fadas Chapeuzinho Vermelho pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento da personalidade infantil.

A psicanalista apresenta um novo olhar acerca do estudo da personalidade, ou seja, ela diferencia-se das opiniões freudianas e, mesmo considerando-se uma freudiana, desenvolveu uma corrente diferenciada da psicanálise e aplicou pontos de vistas particulares e originais. Sobre o que diz respeito ao superego, o id e o ego, fez novas descobertas por meio do atendimento a pequenos pacientes, acreditando que o superego existiu bem antes mesmo do que defendia Freud. De acordo com a autora, [...] “o superego não se forma apenas no fim do complexo de Édipo, como se fosse um herdeiro; ao contrário, isso ocorria já no começo do complexo de Édipo, cujo início ela datava bem antes de Freud, no desmame.” (KLEIN, 1996, p. 283).

O Complexo de Édipo é explicado por Freud como um período de distinção da sexualidade, que ocorre na segunda infância (entre 3 e 5 anos), no qual a criança passa a fixar seu desejo libidinoso para pessoas do sexo oposto ou do mesmo sexo no ambiente familiar, ou seja, pelo pai ou pela mãe,

conforme explicitaremos com mais detalhes no próximo item. Deste modo, Melanie Klein (1996), acreditava que o desenvolvimento da consciência moral do indivíduo é consequência de uma primeira relação com os pais. Isto quer dizer que o indivíduo internaliza de alguma maneira uma consciência já predestinada pelos pais ou pela sociedade da qual faz parte. Então, essa consciência já traz consigo uma parte diferenciada do ego e do superego, que atribuem certas advertências e exigências que acarretam na repressão de alguns impulsos.

Nessa perspectiva, Klein (1996, p. 286) afirma que:

“Freud demonstrou que o funcionamento desse superego não se limita à mente consciente. Ele não é apenas aquilo que costumamos chamar de consciência, pois também exerce uma influência inconsciente, e muitas vezes opressiva, que é um fator importante [...] no desenvolvimento da personalidade normal”.

Neste sentido, as investigações feitas por Klein, mostram as novas descobertas psicanalíticas sobre o desenvolvimento do superego, partindo de uma análise realizada com crianças, que não deixa dúvidas que o superego estava presente desde muito tempo, entre os dois e quatro anos de idade.

1.6 Fases de Desenvolvimentos Psicosexual

Freud propôs que as crianças já apresentam uma sexualidade muito diferente das outras espécies e que, na infância, não está comprometida ao órgão sexual, mas a sensações ligadas à sexualidade. Todos os seres humanos possuem a libido que é uma energia movedora para os indivíduos alcançarem o prazer, seja este uma criança ou um adulto. Cunha (2002) caracteriza a libido como sendo:

[...] “uma energia de natureza sexual, componente do id, presente no ser humano desde o nascimento, e é ela que impulsiona a pessoa em busca de satisfação. E o prazer, para Freud, é a motivação maior de todos nós, pois o que dita à vida humana é princípio do prazer” (p.26).

Neste sentido, pode-se concluir que a sexualidade define toda a personalidade humana, bem com os complexos e conflitos que rodeiam a vida do ser humano na sociedade contemporânea.

Diante de tudo que foi apresentado, vale salientar que Freud, em suas investigações descobriu que a pluralidade dos pensamentos e desejos reprimidos está associada a questões de ordem sexual. Deste modo, a sexualidade torna-se o centro da vida psíquica do ser humano, uma vez que para se viver bem é necessário ter uma vida sexual bem resolvida, pois, os seres humanos nos anos iniciais já possuem funções sexuais, ou seja, o prazer está localizado em seu próprio corpo. E foi por meio destas descobertas que Freud, no livro “Três ensaios sobre a sexualidade”, destacou que a criança vivencia algumas fases na área sexual, classificadas como: fase oral, fase anal, fase fálica, fase de latência e a fase genital, as quais detalharemos a seguir.

Conforme mencionado anteriormente, a primeira fase corresponde a Oral, pois de acordo com Cunha (2002), quando nascemos, a parte dos sentidos que está em mais evidência é a parte bucal, uma vez que esta é responsável pela alimentação do bebê, além de ser uma necessidade biológica. Desta forma, a boca torna-se um órgão que viabiliza prazer. Em outras palavras, a boca dá vazão ao desejo sexual. Isso acontece quando a criança estabelece uma relação sexual com mundo do qual faz parte, por mediação da boca. Como descrito pelo autor, “dependendo do modo como essas vivências ocorrem, constituem-se certos traços de personalidade, especialmente aqueles que dizem respeito à imagem que o indivíduo guarda de si”. (p. 27)

Posteriormente, na fase Anal, há uma transição de satisfações, a criança passa sentir outros tipos de prazer através da mudança da zona oral para a anal. Isto quer dizer que, a atividade de expulsão biológica, ou seja, o ato de aprender defecar transfere a libido para tal região, causando satisfação e dando ênfase ao desenvolvimento anal. A experiência dessa fase pode estar unificada a ideia de que se tem de pessoas disciplinadas e organizadas.

Segundo Freud, pode existir uma fixação por determinada fase, ao mesmo tempo em que, defende a questão de que cada pessoa é única e que a evolução das fases ocorre de maneiras diferentes para cada pessoa. Diz Cunha (2002):

“É preciso ter em mente alguns aspectos importantes da teoria freudiana do desenvolvimento. Em primeiro lugar, Freud não esteve preocupado em estabelecer as idades em que essas fases se dão. Cada pessoa é única e as suas vivências também são únicas, [...] Em segundo lugar, o que determina uma fase é a fixação da libido numa região do corpo” [...] (p. 27).

A terceira fase de desenvolvimento é chamada de fálica, dada a relevância atribuída por Freud às fantasias infantis sobre o pênis nesse momento da vida da criança. Segundo Freud, um evento importante dessa fase ocorre quando a zona de prazer transfere-se para os órgãos genitais.

Nesse momento, os prazeres da masturbação e a vida de fantasia que acompanham a atividade autoerótica montam o cenário para o aparecimento e declínio do complexo de Édipo pela ameaça da castração. Definindo de forma breve, o menino quer possuir a mãe e afastar o pai; a menina quer possuir o pai e afastar a mãe. Esses sentimentos se expressam nas fantasias da criança durante a masturbação e na alteração dos atos de amor e rebelião em relação aos pais. O menino, nesta fase, sente ódio pelo pai, sentindo-se ameaçado, ao mesmo tempo em que, passa a ter medo do pai, temendo que este possa castigá-lo de alguma forma, pelo fato de que o menino deixa transparecer todo sentimento negativo. Esse castigo fantasioso e temido pelo menino é denominado por castração, ou seja, o pai poderia retirar o órgão pelo qual ele alcançaria a satisfação do desejo sexual incestuoso. Contudo, para “psicanálise o conceito de “castração” não corresponde à acepção habitual de mutilação dos órgãos sexuais masculinos, mas designa uma experiência psíquica completa, *inconscientemente* vivida pela criança por volta dos cinco anos de idade” (NASIO, 1997, P.13).

A superação edipiana no menino ocorre por medo da castração. É o medo da castração que o afasta da mãe, o medo das consequências dos seus desejos incestuosos. Nesse momento, de acordo com Freud, origina-se o superego, o representante moral da personalidade. O menino inicia o processo de internalização das regras morais: aprende a não agir por impulsos, a obedecer às regras da civilização e as convenções culturais, entre as quais o tabu do incesto é fundamental.

Freud se viu diante de um problema com relação ao complexo de Édipo feminino. Já que todas as crianças –meninos e meninas – são naturalmente apegadas à mãe, como é que a menina se volta para o pai a fim de se tornar a “garotinha do papai”? Algo deve cortar o laço com a mãe. A resposta de Freud rendeu-lhe o ódio de feministas. Diz que a garota em certo momento descobre que não tem pênis e recorre à mãe para que lhe arranje um. Como isso não acontece, ela se decepciona. Culpa a mãe por essa deficiência, volta-se para o pai a procura de um e continua insatisfeita até conseguir um pênis simbólico na forma de um bebê.

De acordo com Nasio, as pessoas que não conseguem superar o complexo de Édipo tornam-se imaturas, incapazes de progredir, sentem-se dependentes do pai ou da mãe ou de ambos, passam a manifestar as suas dificuldades psicológicas em vez de contê-las e/ou sentem uma estagnação na carreira e nos relacionamentos, não conseguem controlar os impulsos. Apresentam também dificuldade com a autoridade e são presas fáceis de toda sorte de problemas.

O período de latência advém com o fim do Complexo de Édipo, o qual acontece na fase fálica, (entre os 5 e 11 anos de idade). Segundo a psicanálise, nesta fase a libido está voltada para outros fins, como por exemplo, para atividades do cotidiano infantil como as brincadeiras, os jogos e os esportes, além das atividades escolares que passam exercer um papel importante na vida da criança. Para a psicanálise, essa fase é considerada como um deslocamento da libido com objetivos sociais e culturais, que fazem com que a criança sinta prazer naquilo que está fazendo. “A libido é então canalizada na direção de uma ou mais esferas de atuação do indivíduo. A criança sente-se atraída para um determinado brinquedo, uma matéria escolar, uma atividade física, podendo inclusive destacar-se num desses campos, dada a concentração de energia que ali se forma” (CUNHA, p.34,2002). Portanto, fica óbvio que a energia sexual não fica adormecida,mas se desloca para outros fins que também proporcionam momentos de prazer.

Logo em seguida, vem fase a genital de desenvolvimento da libido, ou seja, há uma crise de adolescência ou da puberdade. O adolescente passa a

vivenciar um conflito consigo mesmo, principalmente entre o id e o superego², momento em que vêm à tona todos os desejos das fases anteriores. O fim de tudo isso se dá à medida que os desejos vão sendo satisfeitos pela libido que está concentrada nos órgãos genitais. Deste modo, o indivíduo encontra um parceiro que pode satisfazer, por momentos, os seus anseios, o que não significa que os conflitos acabaram, pois segundo a psicanálise: “o indivíduo encontra um ponto de equilíbrio entre seus desejos inconscientes e as exigências da realidade que age sobre o ego” (CUNHA 2002, p.37).

Em relação às fases de desenvolvimento sexual, podemos dizer que Freud foi provavelmente o primeiro teórico da psicologia a enfatizar o papel decisivo dos primeiros anos da infância como formadores da estrutura de caráter básica da pessoa. Ele considerava que a personalidade já estava formada pelo final do quinto ano de vida e que o desenvolvimento subsequente era praticamente só a elaboração dessa estrutura básica.

A partir do exposto, podemos compreender a importância da psicanálise para os estudos do psiquismo humano e de diversos e relevantes fenômenos sociais, contribuindo para desvendar os caminhos obscuros que povoam a mente humana e influenciam o desenvolvimento da personalidade.

² Conflito entre os desejos e os valores morais

CAPÍTULO II

ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DO CONTO DE FADA PARA O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE INFANTIL

2. A Teoria Psicanalítica e a Literatura Infantil

Sigmund Freud era um admirador das obras literárias e de seus respectivos autores, buscava absorver tudo que podia das obras, para que seus estudos se tornassem tão extraordinários quanto a arte literária. “A ciência Psicanalítica nascia como a irmã mais nova da literatura e com ela conversava intimamente, diante dos grandes impasses e dilemas com os quais se deparava enquanto crescia”. (SOUSA, 2010, p. 52)

SOUSA (2010) destaca a admiração que Freud sentia pela arte e por muitos literatos quando insistia em dizer que muitas vezes os artistas antecipavam as verdades mais essenciais do psiquismo humano. Ele ressaltava, ainda, que por muitas vezes encontrou na obra de muitos escritores a imagem necessária para a explicação de suas teorias. O psicanalista mergulhou de forma profunda nas obras literárias e nos seus respectivos escritores, encontrando nas personagens descrições perfeitas e expressivas da sintomatologia neurótica ou, ainda, fazendo avançar ou recuar a teoria e a técnica psicanalítica diante de alguma reflexão ou apontamento literário. Fica claro, portanto, que Freud encontrava na literatura elementos significativos e elucidativos dos dramas humanos e do sofrimento psíquico e pensava em consonância com os escritores, gostava de dialogar com eles.

A Psicanálise faz uma descrição dos fatos da mente a partir de uma personalidade para compreender as metamorfoses das leis do psiquismo humano de pessoas distintas para explicar a teoria do Inconsciente. Ela não anseia explicar a criação artística, pois de acordo com Freud o poeta guia-se pela inspiração. O escritor literário, manifesta suas fantasias, torna-as aceitáveis e até prazerosas a outros, realizando além dos desejos próprios, também os alheios.

A respeito de suas próprias interpretações de obras de ficção diz-nos Freud:

Como, aliás, todo o sintoma neurótico, e como o próprio sonho são possíveis de super-interpretação, que mesmo lhes é indispensável para serem exaustivamente compreendidos, assim também qualquer legítima criação poética terá nascido de mais de um motivo, de mais de

um estímulo na alma do poeta, e possibilitará mais de uma interpretação. (FREUD apud SÁ, 1991, p. 6).

Neste sentido, é inegável a contribuição da arte para a Psicanálise em geral, principalmente a literatura, tendo em vista que a esta última pode favorecer a abordagem psicanalítica e sua pretensão de desvendar a mente humana. Podemos inferir o grande valor da psicanálise em estudos literários, constituindo-se um terreno fértil que propicia novas possibilidades de leitura de compreensão do universo humano. Para muitos dos psicanalistas como: Freud, Bettelheim, Diana Lichtenstein e Mário Corso, a Literatura possui elementos significativos e expressivos que podem confrontar com os dramas existenciais.

Nesta mesma perspectiva, Bruno Bettelheim (2013) em sua obra “A psicanálise dos contos de fadas” apresenta um modelo de estudo voltado para uma psicanálise que faz uma radiografia da literatura infantil mais conhecida pela humanidade como elemento que contribui para a formação do aparelho psíquico.

A literatura infantil sobreviveu ao tempo, justamente, porque é necessária por contar fábulas que falam à alma da criança, tratam de valores, caso contrário já teria desaparecido, apagado pelo tempo e caído no esquecimento. O romancista inglês Chales Dickens (apud BETTELHEIM, 2013, p.33), “reconheceu o profundo impacto formador que as maravilhosas personagens e acontecimentos dos contos de fadas tinham tido sobre ele e seu gênio criador”. O mesmo autor percebia que as personagens dos contos, melhor do que outros tipos de textos influenciam e auxiliam as crianças nas mais diversas atividades diárias, sobretudo na obtenção de uma consciência mais madura. Os contos de fadas levam as crianças a descobrirem sua própria identidade, além de sugerir simbolicamente experiências que são precisas para o desenvolvimento do seu caráter. Diante de tudo que já foi apresentado Bettelheim diz:

[...] no conjunto da “literatura infantil” _ com raras exceções _, nada é tão enriquecedor e satisfatório, [...] para criança, [...] do que o conto de fadas. [...] Por meio deles pode-se aprender mais sobre os problemas íntimos dos seres humanos e sobre as soluções corretas para suas dificuldades em qualquer sociedade de qualquer outro tipo de história compreensível para uma criança. (BETTELHEIM, 2013, p. 11-12)

Sendo assim, os psicanalistas viam a literatura como uma arte que potencializa várias capturas interpretativas. Portanto, a obra literária, apesar de tantos anos de criação, continua inscrevendo, influenciando e somando na vida das gerações.

É nessa perspectiva que faremos nesse estudo uma análise psicanalítica do conto de fada “Chapeuzinho Vermelho”, analisando as contribuições desse conto no desenvolvimento moral e sexual da criança e na capacidade de perceber os perigos sobrevividos de uma desobediência às regras sociais. Assim como toda arte, os contos de fadas tiveram seu início histórico, evoluindo e divertindo o público infantil de forma encantadora, conforme veremos no item seguinte.

2.1 A História dos Contos de Fada

Os contos de fadas surgiram entre os séculos³ XVII e XVIII na Europa durante a Idade Média, eram chamados contos Maravilhosos ou contos da Carochinha, apresentando uma variação de contos populares destinados ao público Infantil. Os contos tem por fonte a tradição oral, eram histórias contadas de pai para filho ou de avós para netos e, dessa maneira, acabaram se disseminando pela coletividade. Os contos só foram transcritos para o papel posteriormente, quando a infância passou a ser valorizada, por ser uma fase propícia à aquisição de alguns hábitos, princípios e valores culturais.

Entre os séculos XVII e XVIII, os contos de fada recebiam seu devido valor, sendo contados para crianças e adultos. “[...] na Europa os contos costumavam ser a principal forma de entretenimento para as populações agrícolas na época do inverno [...]. Contar contos de fadas tornou-se uma espécie de ocupação espiritual essencial”. (FRANZ, 1990, p. 12). Embora os tempos modernos ofereçam novos recursos para que as crianças possam divertir-se, nada derruba a magia e o encantamento que os antigos contos de fadas causam às crianças, suavemente chegam aos ouvidos dos pequenos.

³ Disponível em: <<https://www.aimportanciadoscontosdefadasparaeducacaodascriancas>> Acesso em: 25/06/2014.

Na história dos contos de fadas e nos estudos das inúmeras escolas literárias, relata-se que os discípulos de Platão já utilizavam os contos como ferramenta educativa, contando histórias simbólicas para suas crianças, desde então, eles estão vinculados à educação de crianças.

Com o advento da psicanálise, hoje em dia podemos compreender melhor a riqueza oculta dos contos, além de sua utilidade simbólica no despertar do imaginário infantil. Os contos associados à psicanálise propõem interpretações que podem solucionar algumas indagações básicas do cotidiano do ser humano, como a possibilidade de preencher lacunas de problemas existenciais. Psicanalistas do século XX, entre os quais Sigmund Freud e Bruno Bettelheim, interpretam certos fragmentos dos contos, tais como revelações de medo, separações, abandono e desejos que ultrapassam a realidade, tentando decifrar as fantasias e avaliar os conteúdos da realidade, a qual o indivíduo sofre. Bettelheim, ao escrever o livro: “A Psicanálise dos Contos de Fadas”, enfatiza as relações dos contos com a vida emocional inconsciente, valorizando deste modo, a relevância dos contos no desenvolvimento psicológico da fase infantil.

Os contos, com suas estruturas simples, passaram a ter uma relação com a vida emocional e inconsciente das crianças, isso porque, parte de um problema ligado à realidade, ou seja, no desenrolar do enredo encontramos um mundo fantasioso, com personagens que se aproximam da realidade. Dessa forma, torna-se fácil a verossimilhança com os personagens das histórias genéricas, que vivem situações do cotidiano, que possuem uma família comum.

Portanto, os Contos de fadas durante todo o seu percurso de criações e adaptações, possibilitam que a criança imagine um mundo diferente daquele vivido por ela e que deste modo, possa perceber as nuances de cada personagem, identificando-se com aquele que lhe chame mais atenção.

Diante de tudo que foi apresentado, compreendemos porque os contos são tão relevantes na fase infantil. Parece-nos que ao ouvir um conto, a criança se sente compreendida e apreciada diante de seus sentimentos de esperanças e angústias, sem que tudo tenha que ser arrancado e indagado sob a luz de uma racionalidade.

2.2 Entre os Prazeres e as Limitações da realidade: o conto Chapeuzinho Vermelho sob o olhar da Psicanálise

Em Chapeuzinho Vermelho, os autores apresentam-nos a ambivalência de escolher entre os prazeres que a vida pode proporcionar e as consequências, muitas vezes danosas ao indivíduo, ao não perceber os perigos que atravessam uma vida conduzida pelo prazer, vontade e desejos impulsivos e instintuais. Neste conto podemos encontrar, ainda, a transição entre o ser criança e o ser adulto, e a curiosidade sexual infantil, além das fantasias de sedução por um adulto.

A trama narra a trajetória de uma criança em processo de puberdade, que se depara com possibilidades paradoxais de experimentar a vida. A primeira está relacionada com a busca do prazer de forma inconsequente. Para Freud, o ser humano em sua essência busca sentir prazer e foge de tudo que é sofrimento. Essa questão ocorre quando Chapeuzinho busca a gratificação imediata, agindo por impulso e sem pensar nos limites e perigos que comportam a realidade em que vive. Já a segunda possibilidade é influenciada pela razão e a realidade circundante, acontece no momento em que a menina percebe que deve ir de imediato encontrar com a vovó, isto é, ela consegue adiar seu desejo de colher flores e apreciar a natureza, agindo de acordo com as restrições que a vida desde cedo já impõe ao ser humano.

Vale ressaltar a citação de Freud no livro *Mal Estar da Civilização* (1996), para ele, “o preço que pagamos por nosso avanço em termos de civilização é uma perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa” (p.96). Para o teórico, o desenvolvimento da civilização impõe restrições à liberdade de ser do indivíduo e a justiça exige que ninguém fuja a estas restrições. Assim, o ser humano é convocado desde a mais tenra idade, a ter consciência de que os seus desejos nem sempre podem ser realizados e que ele vai ter que aprender a conviver com as limitações e exigências da vida em sociedade.

Em outras palavras, na concepção freudiana, somos seres desejantes por essência, e nossos desejos nem sempre podem ser realizados. A vida em comunidade impõe limites aos desejos individuais. Neste sentido, vamos

internalizando a partir de diversos dispositivos, em destaque o conto de fadas, que nossos desejos genuínos, nossas necessidades nem sempre serão satisfeitas. A criança precisa compreender que não é onipotente e que precisa recuar, aceitar e muitas vezes reprimir suas vontades.

Neste sentido, o conto de fadas em análise ensina-nos, a partir de sua personagem Chapeuzinho Vermelho, que nos momentos de ambivalência, devemos sempre seguir pelo caminho adequado, ou seja, aquele que não nos ofereça perigos.

“Os contos de fada terão infinita importância na formação do indivíduo, para que ele possa escolher seu caminho e se orgulhar de sua escolha. Sabendo que a construção e o desenvolvimento da persona seriam o alicerce de um sujeito bem-resolvido e do bem no amanhã”.
(PÁDUA, 2014, p.26)

A análise de um conto de fadas apresenta uma riqueza de fantasias e imaginação que se entrelaçam com a nossa realidade, ao mesmo tempo em que aborda o universo psíquico, permitindo-nos imprimir novos olhares com base nas teorias psicológicas.

Na história de Chapeuzinho Vermelho, a principal personagem é conhecida mundialmente como a menina doce e encantadora que é presenteada pela avó com um chapeuzinho de veludo vermelho, o que levou a menina a ser chamada por esse nome.

Na análise psicanalítica do conto, podemos inicialmente lançar mão da segunda teoria do aparelho psíquico, já apresentado no capítulo anterior, para tentarmos compreender as atitudes e conflitos vivenciados pela personagem protagonista do conto.

Freud elabora uma teoria que divide a mente em três instâncias ID, EGO e SUPEREGO. O Id seria a instância relacionada ao princípio do prazer. Trata-se do lado instintivo do ser humano. É composto por energias que Freud chamava de pulsões, determinadas biologicamente e determinantes de desejos e necessidades. O ID, por ser totalmente inconsciente, tenta dar vazão aos impulsos e desejos, não reconhecendo qualquer norma ou regra socialmente estabelecida. O id não tolera adiar o prazer, impulsiona o ser humano a agir inconsequente, agressivamente e de forma impulsiva.

Já o Superego, por sua vez, é o representante da moralidade. Um depositário das normas e princípios morais de um grupo social, onde se concentra as regras, princípios e valores norteadores de uma cultura, representadas inicialmente pela família. O Superego, conforme já abordado no primeiro capítulo, origina-se com o complexo de Édipo entre 3 e 5 anos, momento em que a criança começa a internalizar os valores morais tendo como referencial o superego dos pais e familiares.

Fazendo uma análise do conto com a teoria elaborada por Freud, podemos dizer que Chapeuzinho vermelho é desobediente às ordens da mãe, mesmo sendo uma menina boa e encantadora, porque está sendo impulsionada pelo Id, pois à medida que o Lobo vai mostrando as belezas do bosque ela se deixa levar pelo prazer, pelo aconchego que o lugar lhe oferece, ela não fica atenta às circunstâncias da realidade.

Deste modo, o Lobo consegue desviá-la do caminho certo e seguro. [...] diz o Lobo: - “Capuchinho ⁴Vermelho, vê as lindas flores por aqui à tua volta? Porque não olhas para elas? Acho que ainda nem reparastes como os passarinhos estão a cantar amorosamente”. Chapeuzinho vive um conflito entre escolher o que lhe desperta prazer e o que deve fazer, pois a mãe lhe adverte: “Põe-te a caminho antes que se ponha quente e, quando estiveres no bosque, vai directo e não te desvies do carreiro”.

Nos fragmentos anteriores, a menina vive a ambivalência de escolher entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, que é corroborado quando: [...] “Capuchinho Vermelho tinha corrido de flor em flor e só quando já tinha tantas que não podia carregar mais é que se lembrou da avó e retornou o caminho para casa dela”. Dito de outra forma, o Id recua e o Superego assume sua função, a menina toma consciência de sua obrigação, retomando seu caminho conforme lhe foi indicado pela mãe no início da narrativa.

2.3 O Proibido em Chapeuzinho Vermelho

⁴http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/capuchinho_vermelho- Acesso em: 23/06/14 às 11h:20min.

É por meio de história como Chapeuzinho Vermelho que a criança começa a compreender, que não é bom se desviar do bom caminho, nem desobedecer a mãe, pois com sua experiência, Chapeuzinho apreendeu o quanto é arriscado confiar em conversas de desconhecidos, ou andar sozinha pela floresta. Ao final da narrativa a menina conclui pensando: “Nunca ⁵ mais na vida tornarás a sair do caminho sozinha para entrar no bosque depois de tua mãe o ter proibido”. Chapeuzinho e o Lobo tercem um diálogo repleto de gentilezas e seduções, o lobo toma a liberdade que lhe fora permitida, e pergunta aonde ela vai. E a menina rapidamente responde qual será o seu trajeto até a casa da vovó: ⁶ “- Bom dia, Capuchinho Vermelho, [...] Aonde vais tão cedo? À minha avó. O que levas debaixo do avental? Bolo e vinho. [...] Onde vive a tua avó? [...] um bom quarto de léguas dentro do bosque”. (Vejamos a imagem do encontro de Chapeuzinho com o lobo)



Podemos perceber que ela não se sente assustada com a presença do lobo, mostrando toda sua ingenuidade diante do perigo que a fera pode oferecer. Ela “não teme o mundo lá fora, antes reconhece toda sua beleza, é aí está o perigo [...] esse mundo além do lar e do dever, se torna demasiado e atraente” [...] (BETTELHEIM, 2010, P. 237).

O bosque é um espaço onde se passa quase toda a narrativa, por isso recebe um maior destaque, sobretudo por apresentar perigos e encantamentos que são desconhecidos. No conto de fadas, o bosque ou a floresta está presente para constituir o caminho daquela que precisa alcançar a maturidade, pois é no

⁵http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/capuchinho_vermelho- Acesso em: 23/06/14 às 11h:20mim.

⁶http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/capuchinho_vermelho- Acesso em: 23/06/14 às 11h:20mim.

bosque que Chapeuzinho desperta para o mundo real e cumpre com sua obrigação. Apesar de misterioso, este lugar é um símbolo universal e está presente em quase todo conto de fadas, representando tudo àquilo que é conflituoso, ou seja, luminoso ou sombrio ao psiquismo humano.

2.4 Chapeuzinho Vermelho: a descoberta da sexualidade e os perigos dos “lobos maus”

A sexualidade infantil é algo muito difícil de ser abordado, Freud provocou um impacto na sociedade vienense, ao propor uma ideia de infância que se afasta da tradicional noção de pureza e de felicidade única, trazendo à tona, uma criança dotada de desejos, afetos e conflitos. O impacto dessa teoria ressoa ainda hoje em nossa contemporaneidade, isso porque continuamos tendo dificuldade de compreender e/ou aceitar a sexualidade infantil sugerida por Freud.

“Do ponto de vista da psicanálise, a sexualidade humana não se reduz ao contato com os órgãos genitais de dois indivíduos, nem à estimulação de sensações genitais. Não, o conceito de “sexual” reveste-se, em psicanálise, de uma acepção muito mais ampla que de genital. Foram as crianças [...] que mostraram a Freud a vasta extensão de sexualidade. Chamamos sexual a toda conduta que, partindo de uma região erógena do corpo (boca, ânus, olhos, voz, pele etc.), e apoiando-se numa fantasia, proporciona certo tipo de prazer”.(NÁSIO, 1999, p. 49)

A sexualidade proposta por Freud é grandiosa e radicalmente oposta da ideia naturalista do século XX, quando era definida pelo ato sexual do adulto com objetivos de alcançar a reprodução. A sexualidade infantil ou a busca do prazer eram consideradas condutas anormais. Sendo assim, o pai da psicanálise sugere a ideia de uma sexualidade constituída desde os primórdios do psiquismo humano seria então uma noção bem diferente da instituída.

Segundo Pádua (2014), “[...] o Conto de Chapeuzinho Vermelho contém um drama sobre a perda da inocência, além disso, a menina é ingênua, infantil, não tem percepção sexual”. (p. 27) Chapeuzinho representa a inocência infantil e a transição da fase infantil para a adolescência, passando a ter conhecimento

da prática sexual. Parece-nos que a personagem não recebeu o esclarecimento de ordem sexual, o qual merece o máximo de prevenção, pois ela parecia não saber de nada que diz respeito a sexualidade, mas é induzida pelo lobo.

Uma questão relacionada à sexualidade infantil que podemos perceber no conto, diz respeito aos resquícios do complexo de Édipo vivenciado pela personagem. No decorrer da trama, Chapeuzinho Vermelho, após momentos de prazer ao passear pelo caminho desconhecido, de repente percebe que tem que cumprir os deveres que o mundo real exige. Ela toma a atitude de ir imediatamente ao encontro da avó, mas ao chegar percebe que algo está errado, confuso quando a encontra, então temos o diálogo que é escutado há gerações:

⁷“Ó! Avó, que grandes orelhas tens!
 – Para poder ouvir-te melhor.
 – Ó! Avó, que grandes olhos tens!
 – Para poder ver-te melhor.
 – Ó! Avó, que grandes mãos tens.
 – Para poder abraçar-te melhor.
 – mas, avó, que boca horrivelmente grande tens!
 – Para poder comer-te melhor”.

Percebemos que a menina assume uma postura questionadora, com o intuito de compreender aquela situação. Nesse diálogo ela está tão atenta, que faz uso dos quatro sentidos: audição, visão, tato e o paladar; todos os seres humanos, sobretudo as crianças, usam os sentidos para compreender o mundo ao seu redor. Vale frisar nesta perspectiva os apontamentos do filósofo Aristóteles, que nos concebe a ideia da percepção baseada pelos órgãos de sentido, uma vez que a percepção sensível “é um modo de contato e de conhecimento da realidade por meio dos cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato”. (SAES, 2010, p. 11).

Dessa forma, Chapeuzinho Vermelho percebe o perigo, ao mesmo tempo em que projeta simbolicamente os conflitos edípicos durante a puberdade. “O complexo de Édipo [...] Acontece entre os 3 e 5 anos, durante a fase pré genital, em que a mãe é o objeto de desejo do menino, e o pai é o rival que impede seu acesso ao objeto desejado”. (LAPLANCHE, 2001, p.50). Porém, neste conto

⁷http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/capuchinho_vermelho- Acesso em: 23/06/14 às 11h:20min.

acontece o inverso, ou seja, aquilo que Freud chamou de “Édipo feminino”, talvez seja por ter raízes edípicas que Chapeuzinho desobedeceu à mãe no início do conto.

Podemos inferir que durante toda trajetória do conto não temos a presença masculina do pai, deste modo, a menina se sente desprotegida já que a mãe e avó nada podem fazer para salvá-la. Enquanto o lobo, presença do macho sedutor e maléfico, destrói a avó e menina. Em seguida temos o personagem do caçador, imagem de um pai responsável, honesto, forte e salvador.

“O ⁸caçador estava mesmo a passar em frente da casa e pensou: Como a velhota rressona! É melhor veres se há algo errado. Então entrou no quarto e quando chegou à cama, viu o lobo lá estendido. – Aqui te encontro velho pecador. [...] Apontou a espingarda, mas então pensou que o lobo podia ter comido a avó e que ela podia ser salva”.

Observamos que o caçador em nem um momento se deixa dominar pelos impulsos instintuais, ou seja, pelo Id, pois ao encontrar o lobo na cama poderia ter atirado e acabado com o malvado pela raiz, mas impulsionado pelo Ego percebe que o mais importante é agir com sensatez, controlando a raiva o caçador consegue salvar a avó e Chapeuzinho Vermelho, tornando-se o herói da história.

Agora, é como se Chapeuzinho Vermelho tivesse como referência masculina as duas personalidades (lobo e caçador), das quais ela poderia distinguir suas características: o primeiro, com todas as características de tendências egoístas, violentas, que provém do Id, enquanto o segundo possui aspectos amáveis de um homem protetor, representando as funções do Ego e do Superego. Desta maneira, podemos dizer que o conto apresenta duas figuras opostas de homem, portanto a imagem paterna está presente na narrativa, mas de forma implícita.

As contribuições do conto em relação à sexualidade infantil também aparecem como forma de revelar a transição da infância para puberdade, a fase de descobertas, de evidências e impulsos. No decorrer da narrativa percebemos

⁸http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/capuchinho_vermelho- Acesso em: 23/06/14 às 11h:20min.

o diálogo sedutor entre a personagem principal e o Lobo, que representa a figura masculina, aquele que atrai e seduz, por isso a menina decide escolher o princípio do prazer e não o princípio da realidade.

“- Bom ⁹dia, Capuchinho Vermelho, disse ele. Muito obrigado, lobo. - Aonde vais tão cedo, Capuchinho Vermelho? - À minha avó. O que levas debaixo do avental? Bolo e vinho: ontem cozemos, portanto a pobre avó doente vai poder receber algo bom que fortaleça. – Capuchinho Vermelho, onde vive a tua avó? [...] um bom quarto de léguas dentro do bosque”.

A história conta que Chapeuzinho não sabia que o lobo era um animal malvado e, portanto, não sente medo. A menina fica encantada com a conversa do lobo que ao se aproximar a trata com gentilezas, mostrando que o bosque não oferece perigo algum, mas pelo contrário, é um lugar prazeroso de belezas esplêndidas, que merecem ser apreciadas. A conversa com o lobo convoca Chapeuzinho Vermelho para um mundo maravilhoso que a leva a uma viagem fantasiosa e fantástica, para um mundo sem lógica e fora tempo. Para Bettelheim (2010)

“O perigo para Chapeuzinho Vermelho é sua sexualidade nascente, para a qual não está ainda emocionalmente madura o bastante. Enquanto o lobo está psicologicamente pronto para ter experiências sexuais pode dominá-las e crescer com isso”. (p. 241)

O lobo é ousado ao perguntar o que a menina leva debaixo do avental, pois não se usa de certas intimidades com quem não se conhece, muito menos se responde a certas indagações, mas o que notamos é que Chapeuzinho Vermelho é curiosa para descobrir os segredos dos adultos, além disso, ela está em fase de descobertas, nos confirma sua mãe no início do conto: [...] “e quando entrares no quarto [...] não te vás por a espreitar em todos os cantos”.

Outro aspecto do personagem do lobo é sua representação de homem sedutor, mas, sobretudo, por simbolizar as tendências antissociais, animais dentro do ser humano:

⁹http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/capuchinho_vermelho- Acesso em: 23/06/14 às 11h:20min.

“O lobo¹⁰ pensou que coisa tenra, dará um pitéu suculento. Vai saber ainda melhor que a velha. Tens que agir arditosamente se queres apanhá-las ambas. Então, andou um pouco ao lado de Capuchinho Vermelho e depois falou: [...] Andas tão séria, [...] enquanto tudo no bosque está tão alegre”.

Chapeuzinho Vermelho cede às investidas do lobo e cai em tentação, e será punida por essa atitude, pois ela com sua atitude possibilita que a fera devore a avó, e o fato dela também ser devorada é castigo por ela ter facilitado a ida do lobo até a casa da avó. Além disso, podemos observar que o lobo é arditoso e planeja tudo com muita maledicência, seu olhar para Chapeuzinho é como de quem deseja devorá-la ali mesmo no bosque, mas ele a atraiu para a cama, para lá lhe passar sua conversa antes de devorá-la.

Os termos usados por ele, como, “um pitéu suculento”, quer dizer que ele vê na figura menina uma mulher gostosa e, que pela juventude, muito mais que a avó.

Fazendo uma análise do universo psíquico do conto, recorremos a Freud (apud NÁSIO, 1999), quando analisa a questão da sexualidade humana a partir de uma região erógena do corpo (boca, anus, voz, pele, olhos etc.). Podemos, então, destacar neste conto a fixação do lobo na região da boca, pois durante a narrativa o personagem usa a boca como sua arma sexual que cumpre sempre as funções de prazer. Uma vez que ele utiliza a voz para conquistar a confiança de Chapeuzinho e ainda quando devora neta e avó, “Mas, vovó, que boca horrivelmente grande tens! – Para poder comer-te melhor”.

O conto ainda exibe um vestuário todocheio de uma sedução e de um valor erótico, o chapéu vermelho que a menina usa, “simboliza o sangue do ciclo menstrual, ou seja, o enfrentamento da floresta escura, que seria a feminilidade”. (PÁDUA, 2014, p. 26). Para Bettelheim (2010, p. 240), “Ao longo de Chapeuzinho Vermelho, no título, assim como no nome da menina, a ênfase é na cor vermelha, que ela usa às escâncaras. O vermelho é a cor do que simboliza as emoções violentas, incluindo as sexuais”.

a cor vermelha representa a cor dos desejos, das paixões, da excitação sexual, da perda inocência, o sangue menstrual traz para menina a passagem da fase

¹⁰http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/capuchinho_vermelho- Acesso em: 23/06/14 às 11h:20min.

infantil para fase adulta, a perda da inocência, ao mesmo tempo em que traz mudanças biológicas e psicológicas para o corpo da menina, que precisam ser descobertas, para que, deste modo, a menina possa conhecer sua verdadeira feminilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, analisamos, à luz da Psicanálise, as contribuições do conto de fada, *Chapeuzinho Vermelho* dos Irmãos Grimm no desenvolvimento da personalidade infantil.

Acompanhar a história de uma menina inocente que aprende com os próprios erros a lidar com os perigos da vida, tornou-se um trabalho prazeroso. Mergulhamos juntamente com *Chapeuzinho Vermelho*, na sua inocência e fantasia, descobrimos que não podemos nos desviar do bom caminho, ao mesmo tempo em que podemos corrigir nossos erros a partir das nossas experiências de vida.

A personagem vivencia os conflitos que atravessam o ser humano em sua vida em sociedade. Conflitos que se instalam a partir do momento em que a criança é convocada a perceber que seus desejos, suas vontades nem sempre serão satisfeitas, pelo contrário, deverá internalizar desde cedo que a realidade impõe restrições aos seus anseios. O desejo, a busca pelo prazer, vai sempre passar por um filtro, o filtro social. As barreiras impostas socialmente induzem a repressão dos desejos instintivos e, daí como nos diz Freud, o sofrimento sempre será parte de nosso desenvolvimento.

Com *Chapeuzinho*, a criança, por intermédio de um adulto leito, já começa a perceber e compreender que a desobediência às regras, muitas vezes podem ser danosas ao mundo e a si mesma. O superego age a partir da punição, da instauração da culpa e da vergonha. A personagem *Chapeuzinho* é punida e ainda pode se sentir culpada pelo que aconteceu com sua avó, como podemos perceber na sua fala: “Nunca¹¹ mais na vida tornarás a sair do caminho sozinha para entrar no bosque depois de tua mãe o ter proibido”.

No presente trabalho, também desvendamos o papel da fantasia infantil na descoberta da vida sexual e como esse processo se desenvolve no decorrer da vida da criança. Além disso, apreendemos que o nosso papel como adultos é o de esclarecer os questionamentos feitos pelas crianças, desde sua mais tenra idade, pois assim ela não precisará sair para buscar informações de

¹¹http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/capuchinho_vermelho- Acesso em: 23/06/14 às 11h:20min

desconhecidos. Como aconteceu com a personagem protagonista, que é tão curiosa e cheia de dúvidas, que acaba dando ouvidos às investidas do lobo, um desconhecido, facilitando a ida do lobo até a casa da vovó, causando a destruição de ambas.

As análises realizadas nesse conto, abrem assim, novas possibilidades de estudos abrangendo o universo psíquico infantil. Acreditamos que essa temática estabelece um instigante desafio àqueles que ousam viajar entre os liames do psiquismo. Uma viagem ao inconsciente: invenção freudiana, terra incógnita dentro de nós, enigma que nos funda, embora incrivelmente o desconheçamos.

Portanto, podemos concluir que o exemplo de Chapeuzinho faz com que as crianças adquiram sabedoria a respeito da vida e a respeito dos perigos que os desejos individuais podem provocar. Deste modo, os erros ocasionados pela protagonista tiveram papel fundamental para uma tomada de consciência da menina, além disso, serviu para que ela obtivesse uma maior compreensão dos limites que a vida social impõe. Consideramos que o conto de fadas orienta a reflexão da criança sobre seu próprio desenvolvimento, sem nunca dizer como este deveria se dar, permitindo-lhe extrair suas próprias conclusões. Neste sentido, podemos perceber as múltiplas contribuições dos contos de fadas para processo de maturação da personalidade infantil.

REFERÊNCIAS:

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA:

Disponível em:
http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/capuchinho_vermelho- Acesso
 em: 23/06/14 às 11h:20mim.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*; Tradução de Arlete Caetano São Paulo. Paz e Terra, 2013.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA:

ÁRIES, Phillipe. *História Social da Criança e da Família*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

BARROS, Elias Malleto da Rocha. BARROS, Elizabeth Lima da Rocha. *Significado de Melanie Klein*. Memória da Psicanálise, São Paulo, 3º edição, 1992, p. 06-15, 10/1992.

BOCK, Ana Maria. *Psicanálise*. In: *Psicologias. Uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva 1989. P. 47-55.

COOL, César. MARCHESI, Álvaro & PALCIOS, Jesus. *Desenvolvimento Psicológico e Educação*. Tradução Daisy Voz de Moraes. Porto Alegre: Artemed, 2004.

CUNHA, Marcus Vinicius da. *Psicologia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

FRANZ, Marie-Louisevon. *A Interpretação dos Contos de Fada*. Tradução de Maria ElciSpaccaquerche Barbosa. São Paulo: Paulus, 1990.

FREUD, Sigmund (1927-1931). *O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e outros Trabalhos* In.: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. V. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, Melanie. *Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Tradução André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. *Psicanálise*. In. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. P. 46-55.

NASIO, J. – D. *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Tradução, Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.

NASIO, Juan David. *O prazer de ler Freud*. Tradução, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

PÁDUA, Cláudia Maria França, *Psique Ciência & Vida*. In. *A Psicanálise do Conto de Fadas*. São Paulo: Martins Fontes, 2014. P. 24-29.

PAPALIA, Diane E. OLDS, Sally Wendkos. *Desenvolvimento Humano*. Tradução, Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ROTH, Priscilla. *O Superego*. Tradução Sérgio Tellaroli. Rio de Janeiro: RelumeDumará Segmento-Duetto, 2005.

SÁ, Olga de. *Psicanálise e Literatura: A Interpretação*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1991.

SAES, Sílvia Faustino de Assis. *Percepção e imaginação*. 1ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SOUSA, Edson Luiz André de, 1959 – *Sigmund Freud: ciência, arte e política*. – Porto Alegre, RS: L & PM, 2010.

Disponível em: <http://poemasdomundo.wordpress.com/2006/06/14/meus-oito-anos/> Acesso em: 23-06-2014- às 12h:12.

Disponível em: <https://www.google.com.br/desenhos-de-chapeuzinho-vermelho-do-irmãos-grimm-livro>> Acesso em: 27/08/14 às 14h:54mim.

Disponível em: <https://www.google.com.br/search-trajes-infantil-do-século-XVIII>> Acesso em: 20/06/2014

Disponível em: <https://www.a-importancia-dos-contos-de-fadas-para-educacao-da-crianca>. Acesso em: 25/06/2014.

ANEXO - Capuchinho Vermelho

Um conto de fadas dos Irmãos Grimm

Era uma vez uma doce pequena que tinha o amor de todos os que a viam; mas era a avó quem mais a amava, a ponto de não saber o que mais dar à criança. Uma vez deu-lhe um capucho de veludo vermelho e, como este lhe ficava tão bem que ela nunca mais quis usar outra coisa, chamaram-lhe simplesmente Capuchinho Vermelho. Um dia disse-lhe a mãe: "Vem cá, Capuchinho Vermelho, aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho para levas à tua avó. Ela está doente e fraca e isto há-de fortalecê-la. Põe-te ao caminho antes que se ponha quente e, quando estiveres no bosque, vai directa e não te desvies do carreiro, senão ainda caís e partes o vidro e a tua avó não recebe nada. E quando entrares no quarto dela, não te esqueças de dizer bom dia e não te vás pôr a espreitar em todos os cantos."

"Vou fazer tudo bem," prometeu Capuchinho Vermelho dando a sua mão. A avó vivia isolada no bosque, a meia légua da aldeia. Quando Capuchinho Vermelho chegou ao bosque, um lobo veio ao seu encontro. Capuchinho Vermelho não sabia que se tratava dum animal malvado e não teve medo nenhum. "Bom dia, Capuchinho Vermelho," disse ele. "Muito obrigado, lobo." - "Aonde vais tão cedo, Capuchinho Vermelho?" - "À minha avó." - "O que levas debaixo do avental?" - "Bolo e vinho: ontem cozemos, portanto a pobre avó doente vai poder receber algo bom que a fortaleça." - "Capuchinho Vermelho, onde vive a tua avó?" - "Ainda a um bom quarto de légua dentro do bosque, debaixo dos três carvalhos, aí fica a casa dela; logo abaixo ficam as avelaneiras, assim já saberás," disse Capuchinho Vermelho. O lobo pensou para si mesmo: "Que coisa tenra, dará um pitéu suculento. Vai saber ainda melhor que a velha. Tens que agir arditosamente se queres apanhá-las ambas." Então andou um pouco ao lado de Capuchinho Vermelho e depois falou: "Capuchinho Vermelho, vêes as lindas flores por aqui à tua volta? Porque não olhas para elas? Acho que ainda nem reparaste como os passarinhos estão a cantar amorosamente. Andas tão séria, como se fosses para a escola, enquanto que tudo no bosque está tão alegre".

Capuchinho Vermelho levantou os olhos e quando viu como os raios de sol dançavam entre as árvores, para a frente e para trás, e como havia lindas flores por todo o lado, pensou: "Se eu levar à avó um ramo fresco, hei-de dar-lhe alegria. Ainda é tão cedo que chegarei bem a tempo." Então ela saiu do carreiro e entrou no bosque à procura de flores. E cada vez que tinha apanhado uma, pensava que mais longe haveria outra ainda mais bonita e corria a apanhá-la, de tal forma que entrou cada vez mais fundo no bosque. Mas o lobo foi directo para casa da avó e bateu à porta. "Quem está aí?" - "É Capuchinho Vermelho, trazendo bolo e vinho, abre!" - "Levanta o trinco," gritou a avó, "eu estou demasiado fraca para me poder levantar." O lobo levantou o trinco, a porta abriu e ele, sem uma palavra, dirigiu-se à cama da avó e comeu-a. Depois vestiu as roupas e a touca dela, deitou-se na cama e fechou as cortinas.

Entretanto, Capuchinho Vermelho tinha corrido de flor em flor e só quando já tinha tantas que não podia carregar mais é que se lembrou da avó e retomou o caminho para casa dela. Estranhou que a porta estivesse aberta e, quando entrou no quarto, teve uma sensação tão estranha que disse para si própria: "Meu Deus, hoje sinto-me tão angustiada e normalmente gosto tanto de estar com a avó." Largou um "Bom dia!," mas não obteve resposta. Então dirigiu-se à cama e puxou as cortinas para trás: ali estava a avó com a touca puxada sobre a cara e com uma aparência estranha. "Ó! Avó, que grandes orelhas tens!" - "Para poder ouvir-te melhor." - "Ó! Avó, que grandes olhos tens!" - "Para poder ver-te melhor." - "Ó! Avó, que grandes mãos tens!" - "Para poder abraçar-te melhor." - "Mas, avó, que boca horrivelmente grande tens!" - "Para poder comer-te melhor." Mal tinha o lobo dito isto, pulou da cama e engoliu a pobre Capuchinho Vermelho.

E, tendo apaziguado a sua concupiscência, tornou a deitar-se na cama, adormeceu e começou a risonar muito alto. O caçador estava mesmo a passar em frente da casa e pensou: "Como a velhota risona! É melhor veres se há algo errado." Então entrou no quarto e, quando chegou à cama, viu o lobo lá estendido. "Aqui te encontro, velho pecador," disse ele, "há muito que te procuro!" Apontou a espingarda, mas então pensou que o lobo podia ter comido a avó e que ela ainda podia ser salva. Portanto, em vez de disparar, pegou numa tesoura e começou a cortar a barriga do lobo. Depois de ter feito um par

de cortes viu Capuchinho Vermelho luzir; e após outros tantos cortes a moça saltou para fora, gritando: "Ah, como tive medo! Estava tão escuro dentro do lobo!" Depois a avó saiu, também viva mas quase incapaz de respirar. Entretanto, Capuchinho Vermelho depressa procurou grandes pedras com as quais encheram o lobo. Quando ele acordou quis fugir, mas as pedras eram tão pesadas que caiu subitamente e morreu.

Então os três ficaram muito contentes. O caçador tirou a pele ao lobo e levou-a para casa. A avó comeu o bolo e bebeu o vinho que Capuchinho Vermelho tinha trazido e recuperou forças. Mas Capuchinho Vermelho pensou: "Nunca mais na vida tornarás a sair do caminho sozinha para entrar no bosque depois de a tua mãe o ter proibido."

Disponível

em:

http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/capuchinho_vermelho-Acesso

em: 23/06/14 às 11h:20mim.